

PROCURA-SE O PÚBLICO

DEPOIS DE UM INÍCIO MORNO, COM A EXIBIÇÃO DE DOIS FILMES E AUSÊNCIA DE GRANDES ESTRELAS, A TEMPERATURA DO 31º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO COMEÇA A ESQUENTAR COM O INÍCIO DO SEMINÁRIO CINEMA BRASILEIRO HOJE — QUE SERÁ COORDENADO PELOS CINEASTAS GUSTAVO DAHL E AUGUSTO SEVÁ.

No seminário — que começa às 14h30, no Hotel Nacional — os cineastas, produtores, distribuidores e representantes do governo discutirão quais os rumos que cinema brasileiro deve tomar para que sua produção chegue ao espectador, que ouve falar nos filmes realizados, mas nem sempre tem oportunidade de vê-los, porque muitos não chegam ao circuito comercial e ficam restritos ao festivais.

“O cinema brasileiro vive hoje uma situação muito boa do ponto de vista da produção, que cresceu com a boa

receptividade dos empresários às leis do audiovisual e Rouanet, mas padece de males infantis, como a falta de opções de distribuição e de informações do próprio setor”, avalia o diretor Augusto Sevá.

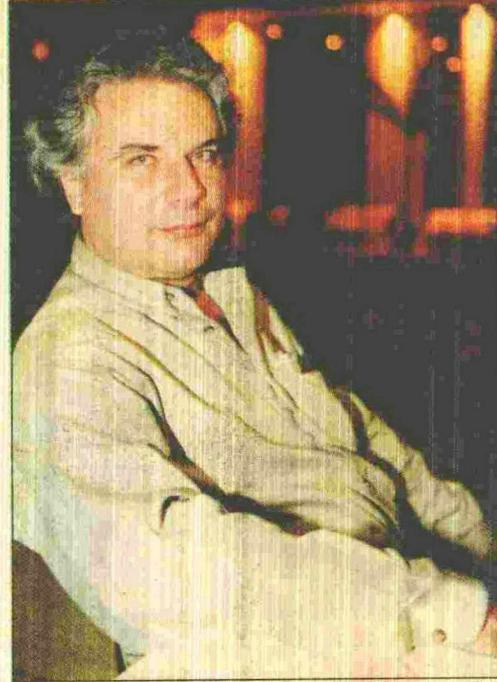
Com uma distribuição ineficiente, os cineastas ficam numa situação difícil porque não têm como rever o investimento do filme, que, lembra Gustavo Dahl, só tem vida própria quanto está concluído e apto para chegar ao mercado. “O nosso problema hoje é que não podemos sequer sentar à mesa para jogar”, lamenta Dahl.

A ideia do Seminário Cinema Brasileiro Hoje, que se estenderá até quinta-feira, é buscar soluções originais em um mercado que é dominado pela indústria cinematográfica norte-americana. Entre as propostas que devem surgir no seminário, estão o estímulo à fundação de empresas de distribuição e à criação um fundo que auxilie a comercialização dos filmes.

O fundo, explica Sevá, incentivaria o consumo com o barateamento dos ingressos para os filmes brasileiros, sem retirar um tostão do estado ou dos produtores. Mas, como? O fundo seria subsidiado por recursos oriundos dos impostos que as produções estrangeiras pagam para circular no Brasil. “É uma forma de estimular o consumo sem ter gastos”, diz Sevá.

A falta de informações no setor, função desempenhada no passado

Zuleika de Souza



O cineasta Augusto Sevá coordena o seminário

pela Embrafilme e Concine, é outra dor de cabeça dos cineastas. Motivo: sem acesso a dados transparentes sobre o setor, eles têm mais dificuldade para enfrentar o mercado — seja na captação ou mesmo no lançamento das fitas. “Sem informação, ficamos sem parâmetro para trabalhar”, lembra Sevá.

Hoje, as informações do setor estão restritas ao Sistema Integrado de Controle da Comercialização da Obra Audiovisual (Sicoa), criado com Lei do Audiovisual e tido como limi-

tado pelos profissionais da área. “Ele atinge somente às 400 salas informatizadas quando temos 1200 no país”, diz Dahl, lembrando que o cinema, por se tratar de uma atividade de risco, não pode renunciar aos números, que não chegam mais aos realizadores.

Inicialmente, a crise que se aproxima do dia-a-dia do brasileiro não assusta ainda os realizadores. Segundo Sevá, a explicação é simples: as empresas que têm como hábito investir em cinema são muito sólidas e, como estão diante de uma renúncia fiscal (teriam que pagar o imposto de qualquer forma), não devem cessar a injeção de recursos na área no primeiro momento.

“Podemos, entretanto, ter problemas com a queda do poder aquisitivo, que trará uma consequente queda de consumo”, admite.

O cineasta Rogério Sganzerla, que abriu a mostra competitiva do festival ontem com *Tudo é Brasil*, é mais cauteloso. Para ele, em momento de crise, os roteiros deveriam ser melhor selecionados. “Temos que evitar desperdícios com os roteiros ruins porque precisamos potencializar os poucos

recursos que detemos hoje”, afirma.

Com isso, o diretor do clássico *O Bandido da Luz Vermelha* acredita que o público estará cada vez mais perto da produção brasileira. “O povo acolhe o que é bom e só não tem visto mais nossos filmes porque não tem acesso a eles, mas a fidelidade do público é grande”, garante.

A segunda noite da mostra competitiva do festival terá como atrações os curtas *Trampolim* (do Rio Grande do Sul) e *Athos* (produção brasiliense). O longa *Kenoma*, de Eliane Caffé, encerra a programação.

■ Leia mais sobre o Festival de Brasília na caixa do *Correio Dois*

SERVIÇO

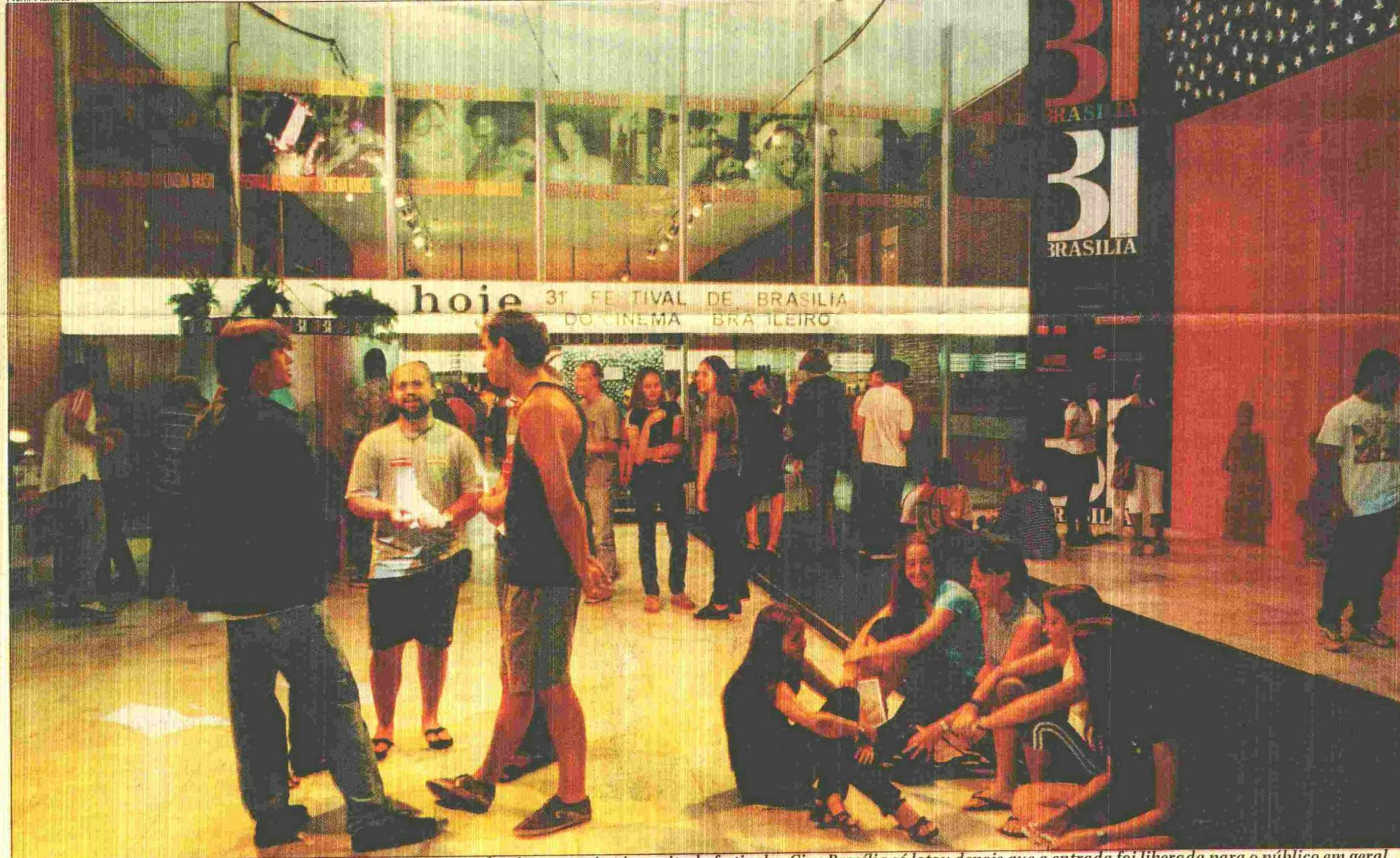
SEMINÁRIO CINEMA BRASILEIRO HOJE

Hoje, às 14h30, no Hotel Nacional, com o tema Mercado: Quanto? Quando? e painéis Novas Dimensões do Mercado Exibidor, de Paulo Sérgio de Almeida, Distribuição/Exibição Independente, de Adhemar de Oliveira, e Mercado: Uma Questão do Estado?, de Moacir de Oliveira.

Amanhã, às 14h30, no Hotel Nacional, com o tema Estado: Tudo ou Nada? e painéis O Futuro da Legislação de Incentivo, de Luiz Carlos Barreto, Relato de um modelo estatal, de Roberto Farias, Novas Propostas Institucionais, de Vera Zaverucha, e Informações: Responsabilidade e Transparência, de Aurelino Machado.

Quinta-feira, às 10h, no Hotel Nacional, com o tema Lei 8685/93 (a Lei do Audiovisual), com Alain Fresnot, Sérgio Assunção, Luiz Eduardo M. Ferreira e Luiz Carlos Barreto. Às 14h30, debates e elaboração do documento do Seminário.

Nehil Hamilton



Apesar dos aplausos recebidos pelos dois filmes exibidos no domingo na primeira noite do festival, o Cine Brasília só lotou depois que a entrada foi liberada para o público em geral